

Julieta Cioba

Meu encontro com Julieta se deu da maneira mais inesperada, numa manhã de domingo de sol glorioso e violento, as jangadas embandeiradas correndo no mar, louvando o Senhor São Pedro, em procissão, e o povo se queimando na areia, se salgando nas águas. E uns e outros procurando vez por outra um lugar à sombra.

Foi simpatia à primeira vista: Julieta branca, arruivada, de olho muito azul, já navegando nos seus quarenta e poucos, alguns dentes a menos na frente, algumas rugas a mais, me atendeu de bom humor, quando me aproximei do boteco à procura de cigarros. E, alegre, conversadeira, comunicativa, enquanto me servia, lamentava que, com aquela beleza de tempo, estivesse presa ao trabalho, justamente ela que nunca faltara à devoção do santo pescador, que era seu protetor particular.

Aí derramou a vida gratuitamente em cima do balcão: fiquei sabendo que era da tradicional família dos Cioba, que já vinha de muitas gerações de pescadores com este apelido, incorporado definitivamente ao nome. Contou um pouco a história da família e elogiou todos, o avô, o pai, os tios, até o irmão mais novo, por nome Joaquim Cioba, que àquela hora estava por águas do mar — um touro de força e de coragem, trabalhador e mulherengo que só vendo, amante da vida e da dança e da pinga.

Mas aquele saber beber — ressaltou, com bastante dignidade.

Julieta veio ao mundo na beira do mar, ali mesmo no Mucuripe e não abriu os olhos nadando, que nem peixe, porque nasceu em terra, mas foi embalada pelas ondas, foi ninada pelo vento, juntava São Pedro e Iemanjá na mesma devoção e aos oito anos parecia uma piaba, nadava como gente grande, já conhecia os mistérios do mar-oceano, pelo falar dos mais velhos que lhe repetiam estórias de assombrações nas noites de lua nova. Contou que, bem perto, na Volta da Jurema, uma noite, um caboclo recebeu Dom Sebastião, que vinha numa missão de cura. Uma mulher, por nome Marina, tinha costume de cair no chão esperneando, espumando a boca, nuns ataques. Mas a partir daquela bendita visita, nunca mais teve nem dor de cabeça.

— Meu fado é o mar, confessou Julieta, só não sou marinheiro porque Deus Nosso Senhor me fez mulher, mas quando estava mocinha, tanto fiz, tanto chorei, tanto pedi, que meu pai me levou pra pescaria, aqui pertinho — na jangada só ia gente de Cioba.

O pai lhe advertira que lugar de mulher é na almofada de renda e na beira do fogão, nas prendas domésticas — e a conduziu, certo de que lhe daria uma lição para toda vida.

Pobre do velho Cioba, saiu perdendo no jogo — foi um custo conter a menina, nos outros dias, acabou apelando para a superstição, dizendo que mulher em cima de jangada dava azar. Assim se aquietou a mocinha, apesar das lágrimas.

Conversa puxa conversa, Julieta contou lembranças e peripécias dos tempos de jovem, as artimanhas que usara para enganar o pai muito severo, as folganças do carnaval e aquele fracassado noivado, porque o pretendente lhe proibira as reinações mominas.

— Foi no tempo que o carnaval bom era no piso da Praça do Ferreira, explicou ela. E as moças daqui da

praia se juntavam em magote, sem malícia nenhuma, a gente queria só se espalhar e se divertir. Aí o bruto me proibiu de brincar. Ah, meu Deus, mais antes um bom carnaval do que um mau casamento: quando ele chegou na praça, já me encontrou no passo, mais as outras, na maior sarandaiada. E ali mesmo desmanchou o compromisso.

Quando falei uma palavra de reprovação ao ex-bem-amado, pela falta de confiança, Julieta não concordou, usou aquelas clássicas expressões das mulheres que perdem marido, achou que saltou uma fogueira, que daí por diante não queria vê-lo nem pingando ouro, nem pintado na parede. Que o homem era doidão, cobrava ciúme, vivia desgovernado na bebida e muito chegado às mulheres em geral. Tanto assim que tinha casado, abandonara cedo a esposa, já estava gastando a quarta mulher. E concluiu, triunfante:

— Também, tá um molambo, não vale mais um cibazol.

Informou, em seguida, que não casou porque não quis, a bem dizer por falta de tempo: não vê que era muito solicitada para tudo — um chamava para uma coroação, outro para um batizado, outro para um pagode de dança, ou festa de casamento, tanto assim que o tempo passou, ela nem sentiu, feito versão praiana da Carolina. A diferença é que Julieta não se limitou a ficar na janela. E me olhando com o olhar azul matreiro, muito orgulhosa, disse com a maior simplicidade que casamento não lhe fizera falta:

— Não casei, meu filho, mas tenho uma menina que anda por aí. É danada, o senhor precisava ver. Um alho! Tem quinze anos, já é rapariga.

E riu muito honrada da carreira rápida e brilhante da filhota.

— Pensa que ela quer saber dos bagulhos daqui da praia? Só anda com gente alta. Vem cada carro buscar ela aqui, que a canalha fica se babando de inveja. E

contou sua vitória quando ameaçaram chamar a rádio-patrolha, uma noite que estavam pegando as “de-menor”. — Quando eu disse de quem era filho o ofensor da menina (deu muita ênfase à palavra “ofensor”), foi água na fervura.

E louvou as virtudes da filha:

— Eu só queria que ela estivesse aqui, pro senhor ver que beleza, parece uma francesa, loura, de olhos azuis que nem os meus e de corpo é uma estalta.

Confessa que teve sua experiência de doméstica em casa de gente rica, mas achou tão detestável que preferiu as privações a ficar obedecendo a patroa.

Julieta Cioba me pareceu uma mulher realizada: tinha o de-comer certo, a roupa, o trabalhinho no boteco e ria um riso bom que seria belo, não fosse aquela falta de dentes. Apanhava o cabelo num coque despretensioso, carregava nas orelhas pingentes de ouro, na mão esquerda um anel de miçanga, com pedra azul, que um certo senhor de navio, vindo de longes terras, lhe dera de presente, dizendo que era a sua pedra de sorte. E falou no seu embarcadiço evocativa e saudosa, deitando bastante melancolia na voz.



Julieta Cioba passou a louvar as virtudes do irmão mais novo, Joaquim, que naquela manhã de domingo estava por águas do mar, na procissão de jangada, em exercício de devoção ao Senhor São Pedro. Gabou-lhe a coragem, a força, a beleza, a prudência no beber, a esperteza no trabalho, a habilidade no acabamento de festa e a sorte com as mulheres. No seu falar, Joaquim era o galã oficial da beira de praia, sedutor bem sucedido, perto de quem todas as mulheres ficavam sofrendo encantação. Tinha quem dissesse que era coisa de pauta com o cão.

— Qual nada, defendia Julieta, é a sina dele.

E justificava:

— Com boniteza, atrevimento e mocidade, não tem mulher que resista.

Assim pretendia provar que Joaquim era de seu natural irresistível. Contou exemplos que dariam um tratado, com título na melhor linha da literatura de cordel, ou dos romances medievais: “De como o moço Joaquim atrai as incautas e vence maridos em geral”. Pois, além dos “charmes” que a irmã lhe atribuía, Joaquim tinha vocação especial para mulher impedida — era capaz de debicar das raparigas novas que se lançavam lacrimejantes nos seus braços fortes e correr léguas atrás de uma mulher casada. E, muito triunfante, na sua moral deformada, Julieta contou as que tinham naufragado nas águas do jovem pescador.

Quando lhe perguntei se Joaquim não tinha nunca problemas com os maridos (havia de ter deles valentes, não?) Julieta sorriu zombeteira e segura, garantiu que homem para enfrentar o irmão tinha que vir armado até os dentes — e olhe lá —. Porque Deus Nosso Senhor (disse em tom de agradecimento) não tinha posto no mundo outro mais ágil na luta, mais artiloso, nem mais servido de coragem.

Tanto que até trabalho de macumba já tinham feito, mas Joaquim, de corpo fechado, acompanhado por santo forte e guia com ligação direta de Exu, vencia tudo. Mais duma vez, de volta pra casa, na encruzilhada do caminho, topava com despacho; mas chutava tudo, passava adiante incólume: apagava as velas, jogava a galinha preta no mar e se não trazia para casa a penosa sacrificada, era por medo de terem envenenado a infeliz. E as moedas que botavam junto ele apanhava, bebia de pinga no primeiro boteco. Donde se conclui que, com Joaquim, nem quebranto, nem reza forte, nem mau olhado, não havia força que funcionasse.

Outro aspecto do herói que Julieta fez questão de salientar foi o pouco caso que o irmão dava ao dinheiro.

Quando tinha alguma pecúnia, em dias de mar mais generoso, chegava, tomava seu banho, passava uma mão de brilhantina no cabelo, botava sua boa camisa, os óculos "ray-ban" e se mandava com as "más companhias". Se fosse sábado, só voltava na amanhecência do domingo.

Também lhe perguntei se o moço, que andava pelos 27 anos, não pensava em casamento. Julieta informou categórica que, graças a Deus, o mano não tinha influência por papéis de matrimônio. Aí abriu um novo capítulo da sua sabidança e ali mesmo destruiu a respeitável instituição.

Como foi mesmo que ela disse? Ah, sim: tirou uma baforada do cigarro, acompanhou sonhadora com os olhos muito azuis os volteios da fumaça e pontificou de cátedra:

— O casamento tá muito destiorado, só entra quem está debaixo de paixão, ou com pouca experiência.

Então se apresentou de modelo:

— Não vê eu? Que eu, é verdade, sou da família dos Cioba, o senhor sabe, mas não é por ter nome de peixe que haveria de cair nas malhas de um qualquer. Um bando de cabra sem-vergonho querendo fazer da gente cativa, procurando mulher pra botar de escrava nos trabalhos de casa. E ainda bem não passa a cerimônia do casamento, já tão se danando, andam caçando saia, como quem caça raposa!

E muito eufórica com seu incerto estado civil — nem casada, nem viúva, nem solteira propriamente dita, responsável pela presença no mundo daquela menina que muito cedo se libertara, muito orgulhosa da carreira de sucesso que a filha vinha fazendo, Julieta usou provérbio, lembrou que mais vale só do que mal acompanhada.

— Tem deles que casam também pra ter quem cuide na doença ou na hora da morte. Aí Julieta se desmentiu seu tanto, acenou com aquela imagem clássica do fim de vida do solteirão, num catre de hospital, abandonado, sujo, solitário, pedindo a bênção aos cachorros. E entrou

de novo atacando de provérbio, desta vez com um que eu nunca esperava surpreender naquela boca sem dentes:

— Solteirão vive como "lord" e morre como cão.

Passado algum tempo, tive de novo desejo de rever Julieta Cioba, de ouvir-lhe a fala cantante, gostosa, espontânea e numa outra manhã de domingo aportei no mesmo local. Não havia mais nada, o barraco fora destruído por determinação da Prefeitura, com os outros todos da zona, ninguém me soube dizer em que areias estará pontificando.

Fiquei sem saber se ainda vive muito gloriosa daqueles heróis da família — a filha e o irmão. Se bem andou na carreira de sedutor, Joaquim deve ter encontrado alguma ponta de punhal de marido menos paciente. Ou, quem sabe, talvez tenha se rendido aos encantos inesperados de alguma dama que tenha exigido exclusividade. Não foi Julieta mesma quem disse que todo farelo tem seu dia de mingau?